

CONSEQUÊNCIAS DO DIVÓRCIO PARENTAL EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Maria Alexina Ribeiro

RESUMO - O número de divórcios tem aumentado em várias partes do mundo, e pesquisas desenvolvidas recentemente têm sugerido que a separação dos pais pode constituir um fator de *stress* que pode ter influências no desenvolvimento dos filhos. O presente artigo tem como objetivo apresentar uma revisão da literatura sobre as consequências do divórcio do casal para o ajustamento dos filhos. Os estudos foram divididos de acordo com a metodologia utilizada, a perspectiva teórica e os aspectos enfocados pelos autores.

CONSEQUENCES OF PARENTAL DIVORCE ON CHILDREN AND ADOLESCENTS

ABSTRACT - Divorces have increased in most places of the world, and recent studies suggest that parental separation can constitute a significant developmental stress for children. The purpose of this article is to present a review of the literature about the consequences of the parental divorce on adjustment of children and adolescents. The studies were divided according to methodology used, theoretical perspectives and aspects which were focused.

INTRODUÇÃO

De acordo com dados americanos (Robson, 1983) o número de divórcios cresceu 700% nos Estados Unidos nos últimos cinquenta anos. Estima-se que 12,5 milhões de crianças estejam vivenciando o divórcio dos pais e 45% das crianças nascidas em 1977 vão viver, no mínimo, um ano com apenas um dos pais.

Um estudo de Bloom, Asher e White (1978) mostrou que em 1976 houve 2,1 milhões de casamentos e 1,1 milhão de divórcios nos Estados Unidos, o que significa cinco divórcios para cada dez casamentos. Enquanto o número de divórcios tem crescido, o número e a taxa de casamentos têm estabilizado e, atualmente, começam

Este trabalho constitui parte da revisão bibliográfica da dissertação de mestrado "O autoconceito de adolescentes segundo o sexo e a estrutura familiar" apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília em dezembro de 1987. Centro Brasileiro de Estudos da Família/Brasília. Endereço: QE 24, Conj. D, casa 19, Guará II - 71000 - Brasília, DF.

a decrescer. Em 1976 mais de dois milhões de adultos e um milhão de crianças foram envolvidos diretamente em uma separação.

Segundo Fine, Moreland e Schwebel (1983) estima-se que 40% dos casamentos que se realizam hoje nos Estados Unidos vão terminar em divórcio. Destes, 60% vão envolver crianças, e prevê-se que 30% das crianças nascidas na década de 1980 vão vivenciar o divórcio dos pais antes de completarem dezoito anos.

Não só nos Estados Unidos, mas em várias partes do mundo, em todas as classes sociais o número de divórcios tem aumentado, segundo Leahey (1984) que cita como exemplos a Grã-Bretanha, França, Alemanha, Países Baixos e Canadá. Na União Soviética também se observa um crescimento na ocorrência de divórcio, como afirma Kalmykova (1984). No início da década de 1980 havia, em média, um divórcio em cada três casamentos. A média de duração dos casamentos que terminavam em divórcio, naquele país, era de três a cinco anos.

No Brasil, segundo dados do IBGE (1982 e 1985) o número de pessoas separadas, desquitadas e divorciadas cresceu 48 vezes de 1950 a 1980. No período de 1979 a 1984 o número de processos de separação judicial concluídos aumentou 258%. O número de processos de divórcio aumentou 222% no mesmo período.

Quanto às taxas de recasamento, Glick (apud Clingempeel, 1981) afirma que aproximadamente 76% das mulheres e 83% dos homens divorciados casam-se novamente. Mais da metade das pessoas divorciadas casam-se com outras divorciadas e, segundo dados do "U.S. Bureau of the Census" de 1976 (apud Bloom, Asher & White, 1978) metade dos recasamentos vão terminar em divórcio. Francke e Reese (1980) afirmam que atualmente a *step-population* americana inclui doze milhões de *step-parents* e seis e meio milhões de *step-children*.

Com o aumento do número de divórcios e o conseqüente surgimento de formas alternativas de vida familiar têm surgido vários estudos, principalmente norte-americanos, sobre como estas mudanças influenciam no desenvolvimento dos filhos. Os resultados são bastante divergentes: alguns autores mostram que a separação dos pais pode ser positiva em alguns casos; outros afirmam que nem sempre há conseqüências negativas, mas, quando estas ocorrem, vão desaparecendo com o passar do tempo; outros, ao contrário, tentam mostrar que a separação tem sempre conseqüências negativas para os filhos. Wallerstein e Kelly (1980) afirmam que os resultados negativos de muitas pesquisas podem ser explicados pelo fato de serem feitas com amostras clínicas.

As pesquisas sobre o assunto enfocam diferentes aspectos e podem ser divididas da seguinte forma:

a) **Pesquisas sobre a família de um só genitor** (single-parenting family)

- São pesquisas que enfocam a relação causal entre o fato da criança viver com apenas um dos pais e se tornar delinqüente, ter problemas na escola, desenvolver atitudes, comportamentos e papéis sexuais inadequados ou exibir outros tipos de patologia. Enfoca-se a ausência do pai na família, causada pelo divórcio, morte ou outro motivo (Billier & Bahm, 1971; Chapman, 1977; Crossman & Adams, 1980; Hetherington, 1972, 1973; Lifshitz, 1975; McCord, McCord & Thurber, 1962; Oshman & Manosevitz, 1976; Parish & Taylor, 1979; Parish, 1981a, 1981b; Pinheiro, Siqueira & Bucher, 1983; Santrock, 1972; Santrock & Warshak, 1979; Weiss, 1979).

b) **Pesquisas Clínicas** - São estudos com populações clínicas, geralmente baseados em casos tratados pelo investigador. São ricas em descrições dos senti-

mentos e problemas que a criança vivência por ocasião da separação dos pais («alter, 1977; McDermott, 1968,1970; Westman, Cline, Swift & Kramer, 1970).

c) **Estudos Longitudinais** - São estudos que procuram avaliar os efeitos do divórcio dos pais ao longo do tempo. São colhidos dados mesmo antes da separação (amostra aleatória), na época da separação e pouco depois, e alguns anos mais tarde (Block, Block & Gjerde, 1986; Chawla & Gupt, 1979; Furstenberg, Nord, Peterson & Zill, 1983; Hetherington, Cox & Cox, 1979; Kurdek, Blisk & Siesky, 1981; Parish & Wigle, 1985; Wallerstein & Kelly, 1976; Wallerstein, 1984).

d) **Estudos Sobre os Efeitos do Divórcio a Longo Prazo** - São pesquisas que enfocam o ajustamento psicológico e papéis conjugais e parentais de adultos que vivenciaram a separação dos pais quando eram crianças e adolescentes (Booth, Brinkerhoff & Lynn, 1984; Kulka & Weingarten (apud Levintin, 1979); Parish & Osterberg, 1986; Robson, 1983).

e) **Estudos Sobre Intervenções Profissionais** - São estudos que enfocam a intervenção de profissionais que têm contato com todas as pessoas envolvidas no processo de separação, crianças, adolescentes e adultos, como: advogados, médicos, psicólogos, assistentes sociais, etc (Abelsohn, 1983; Benedeck & Benedeck, 1979; Bonkowski, Bequette & Boomhower, 1984; Farber, 1983; Framo, 1978; Kalter, 1984; Leahey, 1984; Montemajor, 1984; Noble, 1983; Patten-Seward, 1984; Saltz & Zongker, 1983; Westman, 1983; Williams, Whight & Rosenthal, 1983; Wiseman & Fisk, 1980).

f) **Estudos Sobre Custódia e Presença de um Padrasto (*Stepfather*)** - Vários estudos enfocam o relacionamento da criança e do adolescente com o pai custódio, o pai não-custódio, a visitação e a presença ou não de um padrasto, no caso da mãe se casar novamente (Abelsohn, 1983; Burchinal, 1964; Chapman, 1977; Clingempeel, 1981; Furstenberg et al., 1983; Noble, 1983; Oshman & Manosevitz, 1976; Parish & Copeland, 1979; Santrock, 1972-Santrock & Warshak, 1979; Sorosky, 1977; Wallerstein, 1984).

g) **Pesquisas Sobre Autoconceito** - São pesquisas cujos autores comparam o autoconceito de crianças e adolescentes de diferentes estruturas familiares: famílias cujos pais vivem juntos, em uma atmosfera harmoniosa; famílias cujos pais vivem juntos mas em conflito; famílias cujos pais são separados ou divorciados e os filhos vivem com apenas um dos pais; famílias cujo pai já faleceu; famílias reconstituídas, onde a mãe se casou novamente e há a presença de um padrasto (Berg & Kelly, 1979; Biller & Bahm, 1971; Boyd, Nunn & Parish, 1983; Pardeck & Izikoff, 1983; Parish & Copeland, 1979; Parish & Taylor, 1979; Parish & Dostal, 1980; Parish & Nunn, 1981; Parish, 1981a, 1981b; Parish, Dostal & Parish, 1981; Parish & Parish, 1983a, 1983b; Parish & Wigle, 1985; Parish & Osterberg, 1986; Raschke & Raschke, 1979; Swartzberg, Shmukler & Chalmers, 1983; Ribeiro, 1988).

h) **Perspectiva da Teoria Psicanalítica** - Autores psicanalistas apoiam a hipótese do estágio crítico. Segundo eles a ocorrência do divórcio dos pais durante a fase edípica pode trazer conseqüências particularmente devastadoras para os filhos. Eles sublinham a importância das fantasias edípicas, ansiedades, pensamento mágico, culpa e a ausência de uma figura apropriada para identificações importantes, no caso da criança não ser do mesmo sexo do pai custódio (Bios, Laufer & Neubauer;

Miller; Erickson (apud Sorosky, 1977); Gardner (apud Kalter & Rembar, 1981); Mitchell, 1983).

i) **Perspectiva da Teoria dos Sistemas** - A família é vista como um sistema e é, ela mesma, o ponto de partida. Enquanto as abordagens psicodinâmicas tradicionais enfocam os relacionamentos pai-mãe, pai-criança, e mãe-criança e os processos internos de cada membro da família, a abordagem sistêmica considera a família inteira. São observados os padrões de interação familiar, padrões de casamento e divórcio, como padrões transgeracionais (Beal, 1979; Hunter & Schuman, 1980).

Os resultados de algumas das pesquisas citadas acima serão apresentados, resumidamente, a seguir.

Vários fatores têm sido estudados, por autores de diferentes abordagens, como importantes na determinação das reações e ajustamento dos filhos ao divórcio parental. Apesar das controvérsias, que caracterizam as pesquisas nesta área, parece haver o reconhecimento, por parte dos estudiosos, de que estas reações podem ser influenciadas pelas seguintes variáveis:

- Idade das crianças na época da separação.
- Sexo das crianças e adolescentes.
- Natureza e extensão do conflito familiar antes e depois da separação.
- Relacionamento da criança com os irmãos.
- Relacionamento da criança com os pais.
- Personalidade dos pais.
- Capacidade dos filhos para reagir ao *stress*.
- Mudanças sócio-econômicas atribuídas à separação.
- Habilidade dos pais para satisfazerem as necessidades dos filhos durante o processo de separação.
- Qualidade do relacionamento do casal antes, durante e depois da separação.
- Relacionamento da criança com o pai ausente.
- Sexo do pai custódio.
- Recasamento ou não do pai custódio (presença ou não de um padrasto ou madrasta).
- Fase do ciclo vital que a família está vivendo.
- *Status* sócio-econômico e etnicismo da família.
- Mudanças nos papéis familiares.

As variáveis mais estudadas são a idade das crianças na época da separação, o sexo e o conflito familiar que envolve a separação do casal.

Influência da idade dos filhos

Os dados sobre as conseqüências, do divórcio nos primeiros anos de vida da criança não são numerosos. Emery (1982) afirma que a criança, mesmo bem nova, percebe e reage ao conflito parental. Para Zeanah (1983) o divórcio neste período pode prejudicar o relacionamento da criança com a mãe, que é importante para a visão que a criança vai formar de segurança e confiança no mundo. Quando os pais se separam, neste período, pode acontecer regressão, pesadelos, mau-humor e lamentos. Também pode-se perceber choro, irritabilidade, mudança nos hábitos de comer e

dormir, frustração, raiva e ansiedade de separação, segundo Schwartzberg (1981) e Wallerstein(1984).

Outros autores enfatizam o ajustamento de crianças em idade pré-escolar à separação dos pais. Segundo Hetherington (1972) estas crianças são as mais vulneráveis porque seu desenvolvimento cognitivo impede uma interpretação apropriada dos acontecimentos que as rodeiam. Elas podem se sentir culpadas pela partida de um dos pais, podem ter pesadelos, depressão e enurese noturna. Outros problemas relacionados com a separação dos pais são: medo de serem abandonadas, medo do futuro, sentimento de rejeição (Maldonado, 1987; Patten-Seward, 1984; Zeanah, 1983).

Crianças de seis a oito anos podem ter conflito relacionado com a lealdade dos pais, medo do colapso da família, depressão, retração e baixo desempenho escolar. De nove a doze anos, as crianças podem reagir com vigorosa atividade, diferente de crianças mais novas que ficam deprimidas e inativas. Podem apresentar intenso sentimento de raiva, confuso senso de identidade e podem se aliar a um dos pais (Kurdek, 1981; Patten-Seward, 1984; Wallerstein & Kelly, 1980).

As opiniões a respeito de como os filhos adolescentes reagem ao divórcio dos pais são bastante divididas. Alguns autores acreditam que eles tenham maturidade cognitiva para compreender as causas da separação. Outros, no entanto, vêem-nos como mais afetados devido à probabilidade de terem sido expostos a longos períodos de conflitos familiares.

Segundo Weiss (1979) e Reinhard (apud Block, Block & Gjerde, 1986) a separação dos pais pode favorecer a maturidade precoce dos filhos adolescentes. Robson (1983) mostrou que adolescentes de dezoito e dezenove anos, que haviam vivenciado o divórcio dos pais, não tinham uma visão negativa do casamento.

Por outro lado, alguns autores afirmam que muitos adolescentes vivenciam o divórcio dos pais como extremamente doloroso, podendo apresentar:

- problemas nas relações interpessoais e problemas de identidade e independência (Wallerstein & Kelly, 1980);
- tristeza, sentimento de perda e deslealdade dos pais e ansiedade quanto ao casamento futuro (Maldonado, 1987; Schwartzberg, 1981; Sorosky, 1977);
- baixo rendimento escolar, nervosismo, mau-humor e retraimento (Patten-Seward, 1984);
- agressividade, uso de drogas, ociosidade, atividade sexual precoce, comportamento delinqüente, ansiedade, reações psicofisiológicas e reações psicóticas (Sorosky, 1977).

Sorosky (1977) acredita que o divórcio dos pais, durante a adolescência dos filhos, pode intensificar os conflitos e crises normais deste período e pode servir como meio de inibir sua expressão e resolução. Outros estudos têm demonstrado que há um ajustamento no decorrer do tempo. O divórcio pode ter conseqüências negativas, mas, com o tempo, crianças e adolescentes vão se ajustando à nova situação e logo estarão aptos a viver o seu dia-a-dia normalmente (Fine, Moreland & Schwebel, 1983; Kurdek, Blisk & Siesky, 1981; Maldonado, 1987; Westman, 1983).

Influência do sexo da criança e adolescente

Alguns autores têm mostrado que o divórcio está mais relacionado com problemas cognitivos, emocionais e sociais de meninos do que de meninas (Hetherington,

Cox & Cox, 1979; Kurdek, 1981; Wallerstein & Kelly, 1980). No entanto, parece que as diferenças sexuais vão se dissipando com o tempo, e são menos pronunciadas em crianças mais velhas, como sugere Kurdek, Blisk e Siesky (1981). Ou, segundo Emery (1982), estas diferenças estão relacionadas aos papéis sexuais que são diferenciados socialmente. Outros autores não têm encontrado diferenças significativas (Burchinal, 1964).

Pinheiro, Siqueira e Bucher (1983) acreditam que a ausência do pai tem influência sobre o desenvolvimento dos filhos de ambos os sexos. Mas, além das influências relacionadas com ambos os grupos, há também influências específicas da ausência do pai para meninos e meninas. Segundo as autoras o papel do pai é importante não apenas como figura de identificação masculina mas também como agente influente em inúmeras outras áreas do desenvolvimento mais abrangentes dos filhos de ambos os sexos, tais como a aquisição de normas sociais, responsabilidade social, desempenho intelectual, ajustamento social e comportamento delinqüente. Os filhos de pais separados, que passam a viver apenas com a mãe, tendo pouco contato com o pai, poderiam apresentar problemas ou dificuldades nestes aspectos.

Hetherington (1972) realizou um estudo com meninas de treze a dezessete anos de três estruturas familiares diferentes: meninas cujos pais viviam juntos; meninas cujos pais estavam divorciados e tinham pouco contato com o pai; e meninas órfãs de pai. O estudo mostrou que meninas adolescentes que crescem sem o pai desenvolvem padrões não apropriados de comportamento com relação aos rapazes. As meninas cujos pais haviam falecido exibiram severa ansiedade sexual, inibição e desconforto com relação aos homens. As meninas cujos pais estavam ausentes por causa do divórcio mostraram tensão e assertividade não apropriada, sedução ou, algumas vezes, comportamento promíscuo com companheiros do sexo masculino e adultos. Nenhum grupo apresentou dificuldades em se relacionar com mulheres.

Outro estudo longitudinal de Hetherington (1973) realizado dois meses, um ano, e dois anos após o divórcio, com crianças em idade pré-escolar, mostrou que os efeitos adversos da separação dos pais tinham desaparecido nas meninas dois anos depois. No entanto, os efeitos eram mais intensos e duradouros para os meninos. A adaptação às transições de vida, relações sociais e situações escolares pareceu ser mais difícil para os meninos do que para as meninas.

Kalter e Rembar (1981), em um estudo com amostra clínica, encontraram efeitos diferentes do divórcio em adolescentes cujos pais se separaram durante a fase edípica dos filhos. Os meninos mostraram menos agressão dirigida aos pais e irmãos do que os garotos que eram mais novos ou mais velhos na época da separação dos pais. Em contraste, as meninas mostraram mais agressão com relação aos pais e companheiros do que as meninas que estavam na fase pré-edípica ou pós-edípica na época do divórcio.

Segundo Kurdek (1981) tem-se sugerido que os meninos podem ser expostos a maior *stress*, frustração e agressão e menos apoio e assistência das mães, professoras e companheiros do que as meninas. Uma vez que a mãe é quem, geralmente, fica com a custódia dos filhos, o autor acha que é possível que a dificuldade de ajustamento dos meninos se deva ao fato de viverem com o genitor do sexo oposto.

Por outro lado, Block, Block e Gjerde (1986) realizaram um estudo longitudinal que mostrou que o comportamento impulsivo e descontrolado, observado nos meninos após o divórcio dos pais, já estava presente bem antes da separação. Segundo eles um estudo da família apenas na fase posterior do divórcio não é suficiente para

se entender a complexidade dos processos interpessoais. O período anterior à separação é importante para os filhos, e o conflito parental deve ser considerado.

Influência do conflito familiar

Um dos aspectos que tem sido bastante estudado é o conflito que antecede e acompanha o processo de separação e, muitas vezes, continua existindo mesmo depois, quando o casal já está separado de fato. A questão que se formula é: o que é mais traumático para os filhos, o divórcio em si, o evento legal, ou o clima de tensão que o acompanha e o divórcio emocional que o precede?

O termo "divórcio emocional" é usado por Block, Block e Gjerde (1986), Despert (apud Santrock, 1972), Framo (1978), Hetherington, Cox e Cox (1979), McDermott (1968), Swartzberg, Shmukler e Chalmers (1983). Segundo eles o evento legal é, indubitavelmente, menos traumático para todas as pessoas envolvidas do que o divórcio emocional ou psicológico que, inevitavelmente, o precede.

Wallerstein e Kelly (1980) afirmam que alguns anos atrás era comum as pessoas continuarem casadas "para o bem dos filhos". Hoje, sabe-se que um casal deveria se separar "para o bem dos filhos", porque um casamento infeliz para os adultos também é infeliz para as crianças. Assim, o divórcio que traz alívio para o casal também beneficia os filhos.

Para Maldonado (1987) "a atmosfera hostil, tensa e opressora de um casamento cronicamente insatisfatório não é benéfica para ninguém, e os filhos são, comumente, alvo de descarga da irritação e da frustração dos pais. Após a separação, algumas crianças e adolescentes, ao passarem a viver de modo mais tranqüilo, ficam mais satisfeitos e descontraídos. E um novo casamento dos pais pode recuperar, ou dar pela primeira vez aos filhos, a noção de casal que se entende, se ama e se harmoniza" (pág. 10).

Vários estudos têm sugerido que o conflito conjugal, e não a separação, pode ser a principal explicação para a associação encontrada entre o divórcio dos pais e os problemas dos filhos. Estas conclusões estão apoiadas nos resultados de diferentes tipos de pesquisas:

a) Investigadores têm comparado crianças de lares onde houve separação ou divórcio com crianças de famílias onde um dos pais faleceu. Problemas de comportamento foram encontrados em lares onde houve divórcio, sugerindo que, alguma coisa, além da separação em si, tem efeito significativo sobre o comportamento dos filhos (Douglas, Ross, Hammond & Mulligan (apud Block, Block & Gjerde, 1986); Emery, 1982; Gregory, 1965; Hetherington, 1972; Parish & Nunn, 1981).

b) Outros pesquisadores têm encontrado menor probabilidade de problemas em crianças cujos pais se separaram ou divorciaram mas não há conflitos na família, do que em crianças de lares intactos mas conflituosos (Gibson (apud Block, Block e Gjerde, 1986); McCord, McCord & Thurber, 1962; McDermott, 1968; Pardeck & Izikoff, 1983; Swartzberg, Shmukler & Chalmers, 1983).

c) Problemas de comportamento são encontrados tanto em crianças de famílias onde houve separação ou divórcio quanto em crianças de lares intactos mas conflituosos (Emery, 1982).

d) Filhos de pais separados que continuam a ter conflito mesmo após a separação têm mais probabilidade de apresentar problemas do que crianças cujos pais se separaram sem conflito (Hess & Camará, 1979; Jacobson (apud Block, Block & Gjerde, 1986); Wallerstein, 1984, Westman et al., 1970).

e) Investigações longitudinais mostram que alguns problemas de crianças de lares onde houve separação já existiam bem antes dos pais se separarem (Block, Block & Gjerde, 1986; Emery, 1982).

f) Estudos mostram que crianças de lares intactos e de lares onde houve separação ou divórcio, caracterizados pelo conflito conjugal, estão mais propensas a problemas do que crianças de lares intactos e de famílias onde houve divórcio mas são relativamente harmoniosos (Emery, 1982; Hetherington, 1972; Swartzberg, Shmukler & Chalmers, 1983).

CONCLUSÕES

Nos últimos anos inúmeros estudos têm focado as conseqüências do divórcio dos pais para o desenvolvimento dos filhos, no entanto, a construção de uma teoria nesta área ainda é prematura, pois o conhecimento existente parece conter muitos vieses e a pesquisa esbarra com inúmeros problemas. Ao meu ver, um dos principais problemas é de ordem ideológica. O divórcio ainda é visto como estigma social e suas conseqüências como desastrosas. Em poucos estudos existe a sugestão de que o divórcio não traz danos para os filhos. Os autores mais otimistas afirmam que pode haver um ajustamento no decorrer do tempo. Além disso, há os vieses relativos à amostra, pois a maioria das pessoas estudadas são mulheres e crianças de populações clínicas.

Sabemos que a expectativa de que problemas conjugais podem causar distúrbios no comportamento dos filhos - por parte dos pais, professores e pesquisadores - não apenas cria um viés na análise dos resultados das pesquisas, mas também determina maneiras de agir que acabam reforçando certos tipos de comportamentos tidos como anormais. O pesquisador deve estar consciente disso e, embora saibamos que a total imparcialidade é impossível, ele deve, ao máximo, procurar se despir dos valores morais e estereótipos sociais com os quais convive.

REFERÊNCIAS

- Abelsohn, D. (1983). Dealing with the abdication dynamic in the post divorce family: A context for adolescent crisis. *Family Process*, 22, 359-383.
- Beal, E.W. (1979). Children of divorce: A family systems perspective. *Journal of Social Issues*, 35(4), 140-154.
- Benedek, R.S. & Benedek, E.P. (1979). Children of divorce: Can we meet their needs? *Journal of Social Issues*, 35 (4), 155-169.
- Berg, B. & Kelly, R. (1979). The measured self-esteem of children from broken, rejected, and accepted families. *Journal of Divorce*, 2, 363-369.
- Billier, H.B. & Bahm, R.M. (1971). Father absence, perceived maternal behavior, and masculinity of self-concept among junior high school boys. *Developmental Psychology*, 4, 178-181.
- Block, J.H., Block, J. & Gjerde, P.F. (1986). The personality of children prior to divorce: A prospective study. *Child Development*, 57, 827-840.
- Bloom, B.L., Asher, S.J. & White, S.W. (1978). Marital disruption as a stressor: A review and analysis. *Psychological Bulletin*, 85, 867-894.
- Bonkowski, S.E., Bequette, S.Q. & Boomhower, S. (1984). A group design to help children adjust to parental divorce. *Social Casework*, 65, 131-137.

- Booth, A., Brinkerhoff, D.B. & Lynn, K. (1984). The impact of parental divorce on courtship. *Journal of Marriage and the Family*, 46, 85-94.
- Boyd, D.A., Nunn, G.D. & Parish, T.S. (1983). Effects of marital status and parents' marital status on evaluation of self and parents. *The Journal of Social Psychology*, 119, 229-234.
- Burchinal, L.G. (1964). Characteristics of adolescents from unbroken, broken, and reconstituted families. *Journal of Marriage and Family*, 26, 45-51.
- Chapman, M. (1977). Father absence, stepfathers, and the cognitive performance of college students. *Child Development*, 48, 1155-1158.
- Chawla, P.L. & Gupt, K. (1979). A comparative study of parents of emotionally disturbed and normal children. *British Journal of Psychiatry*, 134, 406-411.
- Clingempeel, W.G. (1981). Interpersonal relations and group process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 41, 890-901.
- Crossman, S.M. & Adams, G.R. (1980). Divorce, single parenting and child development. *The Journal of Psychology*, 106, 205-217.
- Emery, R.E. (1982). Interparental conflict and the children of discord and divorce. *Psychological Bulletin*, 92, 310-330.
- Farber, S.S. (1983). Older adolescent and parental divorce: Adjustment problems and mediators of coping. *Journal of Divorce*, 7 (2), 59-75.
- Fine, M.A., Moreland, J.R. & Schwebel, A.I. (1983). Long-term effects of divorce on parent-child relationship. *Developmental Psychology*, 19, 703-713.
- Framo, J.L. (1978). The friendly divorce. *Psychology Today*, 11 (9), 77-102.
- Francke, L.B. & Reese, M. (1980). The children of divorce. *Newsweek*, February 11, 44-49.
- Furstenberg, F.F.Jr., Nord, C.W., Peterson, J.L. & Zill, N. (1983). The life course of children of divorce: Marital disruption and parental contact. *American Sociological Review*, 48, 656-668.
- Gregory, I. (1967). Anterosperspective data following childhood loss of father. *Archives of General Psychiatry*, 13, 110-120.
- Hetherington, E.M. (1972). Effects of father absence on personality development in adolescent daughters. *Developmental Psychology*, 7, 313-326.
- Hetherington, E.M. (1973). Girls without fathers. *Psychology Today*, 6 (9), 47-52.
- Hetherington, E.M., Cox, M. & Cox, R. (1979). Play and social interaction in children following divorce. *Journal of Social Issues*, 35 (4), 26-49.
- Hess, R.D. & Câmara, K.A. (1979). Post-divorce family relationships as mediation factors in the consequences of divorce for children. *Journal of Social Issues*, 35 (4), 79-86.
- Hunter, J.E. & Schuman, N. (1980). Chronic reconstitution as a family style. *Social Work*, 28, 446-451.
- IBGE - Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - (1982). *Anuário Estatístico do Brasil*, 43, 100-108.
- IBGE - Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - (1985). *Anuário Estatístico do Brasil*, 46, 97-114.
- Kalter, N. (1977). Children of divorce in an outpatient psychiatric population. *American Journal of Orthopsychiatry*, 47, 40-51.
- Kalter, N. (1984). Conjoint mother-daughter treatment: A beginning phase of psychotherapy with adolescent daughters of divorce. *American Journal of Orthopsychiatry*, 54, 490-497.

- Kalter, N. & Rembar, J. (1981). The significance of a child's age at the time of parental divorce. *American Journal of Orthopsychiatry*, 51, 85-100.
- Kalmykova, E.S. (1984). Psychological problems of the first years of married life. *Soviet Psychology*, 22 (3), 61-73.
- Kurdek, L.A. (1981). An integrative perspective on children's divorce adjustment. *American Psychologist*, 38, 856-866.
- Kurdek, L.A., Blisk, D. & Siesky, A.E. (1981). Correlates of children's long-term adjustment to their parent's divorce. *Developmental Psychology*, 17, 565-579.
- Leahey, M. (1984). Findings from research on divorce: Implications for professionals' skill development. *American Journal of Orthopsychiatry*, 54, 298-317.
- Levintin, T.E. (1979). Children of divorce: An introduction. *Journal of Social Issues*, 35 (4), 1-25.
- Lifshitz, M. (1975). Social differentiation and organization of the Rorschach in fatherless and two-parented children. *Journal of Clinical Psychology*, 36, 126-130.
- Maldonado, M.T. (1987). *Casamento: Término e reconstrução*. Petrópolis: Editora Vozes.
- McCord, J., McCord, W. & Thurber, E. (1962). Some effects of paternal absence on male children. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 64, 361-369.
- McDermott, J.F. (1968). Parental divorce in early childhood. *American Journal of Psychiatry*, 124, 1424-1432.
- McDermott, J.F. (1970). Divorce and its psychiatric sequelae in children. *Archives of General Psychiatry*, 23, 421-427.
- Mitchell, A.K. (1983). Adolescents' experiences of parental separation and divorce. *Journal of Adolescence*, 6, 175-187.
- Montemajor, R. (1984). Picking up the pieces: The effects of parental divorce on adolescents with some suggestions for school-based intervention programs. *Journal of Early Adolescence*, 4, 298-314.
- Noble, D.N. (1983). Custody context: How to divide and reassemble a child. *Social Casework*, 64, 406-413.
- Oshman, H.P. & Manosevitz, M. (1976). Father absence: Effects of stepfathers upon psychosocial development in males. *Developmental Psychology*, 12, 479-480.
- Pardeck, J.T. & Izikoff, E. (1983). A comparative study of the self-concepts of adolescents from intact and non-intact families. *Personality & Individual Differences*, 4, 551-553.
- Parish, T.S. & Copeland, T.F. (1979). The relationship between self-concepts and evaluations of parents and stepfathers. *The Journal of Psychology*, 101, 135-138.
- Parish, T.S. & Taylor, J.C. (1979). The impact of divorce and subsequent father absence on children's and adolescents's self-concepts. *Journal of Youth and Adolescence*, 8, 427-432.
- Parish, T.S. & Dostal, J.W. (1980). Relationship between evaluations of self and parents by children from intact and divorced families. *The Journal of Psychology*, 104, 35-38.
- Parish, T.S. (1981a). Concordance of children's descriptions of themselves and their parents as parents as a function of intact versus divorced families. *The Journal of Psychology*, 107, 199-201.
- Parish, T.S. (1981 b). The impact of divorce on the family. *Adolescence*, 16, 577-580.

- Parish, T.S. & Nunn, G.D. (1981). Children's self-concepts and evaluations of parents as a function of family structure and process. *The Journal of Psychology*, 107, 105-108.
- Parish, T.S., Dostal, J.W. & Parish, J.G. (1981). Evaluations of self and parents as a function of intactness of family and family happiness. *Adolescence*, 16, 203-210.
- Parish, T.S. & Parish, J.G. (1983a). Relationship between evaluations of one's self and one's family by children from intact, reconstituted, and single-parent families. *The Journal of Genetic Psychology*, 143, 293-294.
- Parish, T.S. & Parish, J.G. (1983b). Children's self-concepts as related to family structure and family concept. *Adolescence*, 18, 649-658.
- Parish, T.S. & Wigle, S.E. (1985). A longitudinal study of the impact of parental divorce on adolescent's evaluations of self and parents. *Adolescence*, 20, 239-345.
- Parish, T.S. & Osterberg, J. (1986). Evaluations of self, parents, and family: variations caused by family structure and personal stress. *The Journal of Psychology*, 119, 231-233.
- Patten-Seward, P. (1984). Assessing student emotional behavior after parental separation or divorce. *Journal of School Health*, 54, 152-159.
- Pinheiro, A.A.A., Siqueira, I.L.S.M. & Bucher, J.S.N.F. (1983). Ausência do pai: Uma introdução ao tema. *Revista de Psicologia*, 1, 107-122.
- Raschke, H.J. & Raschke, V. (1979). Family conflict and children's self-concepts: A comparison of intact and single-parent families. *Journal of Marriage and the Family*, 41, 367-374.
- Ribeiro, M.A. (1988). O autoconceito de adolescentes segundo o sexo e a estrutura familiar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 4, 85-95.
- Robson, B.E. (1983). And they lived happily ever after: Marriage concepts of older adolescents. *Canadian Journal of Psychiatry*, 28, 646-649.
- Saltz, J.C. & Zongker, C.E. (1983). Effects of divorce counseling groups on adjustment and self-concept. *Journal of Divorce*, 6, 55-67.
- Santrock, J.W. (1972). Relation of type and onset of father absence to cognitive development. *Child Development*, 43, 455-469.
- Santrock, J.W. & Warshak, R.A. (1979). Father custody and social development in boys and girls. *Journal of Social Issues*, 35, 112-125.
- Schwartzberg, A.Z. (1981). Divorce and children and adolescents: an overview. *Adolescent Psychiatry*, 9, 119-132.
- Sorosky, A.D. (1977). The psychological effects of divorce on adolescents. *Adolescence*, 12, 123-136.
- Swartzberg, L, Shmukler, D. & Chalmers, B. (1983). Emotional adjustment and self-concept of children from divorced and nondivorced unhappy homes. *The Journal of Social Psychology*, 121, 305-311.
- Wallerstein, J.S. & Kelly, J.B. (1976). The effects of parental divorce: Experiences of the child in later latency. *American Journal of Orthopsychiatry*, 46, 256-269.
- Wallerstein, J.S. & Kelly, J.B. (1980). California's children of divorce. *Psychology Today*, 13 (8), 67-76.
- Wallerstein, J.S. (1984). Children of divorce: Preliminary report of a ten year follow-up of children. *American Journal of Orthopsychiatry*, 54, 444-458.
- Weiss, R.S. (1979) Growing up a little faster: The experience of growing up in single-parent household. *Journal of Social Work*, 35, 97-111.

- Westman, J.C, Cline, D.W., Switt, W.J. & Kramer, D.A. (1970). Role of child Psychiatry in divorce. *Archives of General Psychiatry*, 23, 416-420.
- Westman, J.C. (1983). The impact of divorce on teenagers. *Clinical Pediatrics*, 22, 692-697.
- Williams, B.M. Wright, D. & Rosenthal, D. (1983). A model for intervention with latency-aged children of divorce. *Family Therapy*, 10, 111-124.
- Wiseman, J.M. & Fisk, J.A. (1980). A lawyer-therapist team as mediator in a marital crisis. *Social Work*, 28, 442-445.
- Zeanah, P.D. (1983). Children of divorce. *Issues in Comprehensive Pediatric Nursing*, 6, 91-106.

Texto recebido em 20/6/88